

Gosto muito do livro de Jó, mas gosto não por sua resistência ao sofrimento, ainda que esta tenha sido a vértice que o eternizou. Eu sei, eu sei, sua capacidade de suportar o infortúnio e a dor são inspiradores, mas sinceramente esta é a última capacitação que eu gostaria de escolher passar na vida. Para que eu iria me aprofundar neste lado da história se é o que eu menos quero vivenciar em minha vida?

Gosto do livro de Jó justamente pelo averso. Ele me fornece caminhos para que eu não enfrente a saga de sofrimentos e infortúnios pelos quais enfrentou. *“O que eu temia me aconteceu, o que eu receava desabou sobre mim”* (Jó 3:25), disse Jó. Aqui abriu uma porta para o inimigo atacar. Não temos que viver alimentando temores. Prefiro o sentimento que tomou conta do salmista. Em dias difíceis, sua postura era outra: *“No dia em que eu temer, hei de confiar”* (Salmo 56:3). Não é que não houvesse motivações para temer, mas é que temendo preferiu confiar.

Uma coisa muito interessante que salta das páginas do livro de Jó, é o sofrimento dos justos. Nós associamos o sofrimento ao pecado, ou simplesmente ao distanciamento do homem do seu Deus. Jó não manifestava nem uma coisa nem outra, e mesmo assim sofreu muito. Aqui nós conhecemos o peso da desconstrução emocional quando as nossas expectativas mais óbvias são confrontadas. O livro de Jó nos empresta um manual de como devemos reagir diante delas. Jó tinha tudo para se revoltar contra Deus, perder seu amor pela vida, no entanto, o que vemos é um comportamento completamente maduro, controlado e temente ao seu Deus.

Uma das preciosas lições do livro de Jó, é que a maioria dos problemas de um justo, quando este sabe se comportar diante deles, tem prazo curto de validade. Não demorou e a saga de sofrimentos passaram. Quando foram embora, tudo aquilo que Jó havia perdido foi restituído pelo próprio Deus. Esta preciosa lição ficou impregnada na minha mente: *“Se Satanás rouba, Deus toma dele e nos devolve.”* Ou glória!

A minha classe de heróis está longe do perfil de Jó. Gosto dos frouxos, dos fracos, dos frágeis, dos que berram anunciando para Deus a sua dor. Isto porque eles simplesmente parecem mais comigo. Eu me encho de esperança quando vejo Bartimeu gritando à porta de Jericó: *“Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim.”* Quiseram silenciar sua voz, aí é que ele gritava mais alto (Mc 10:48).

Imagine você como é difícil a vida de um cego, ele vivia da misericórdia alheia, esmolando à entrada de Jericó. A tradição diz, se mito ou verdade não sei, que Bartimeu não nasceu cego. O que torna seu sofrimento ainda maior. Ele era filho de um comerciante importante que se tornou um revoltoso quando o Império Romano invadindo a cidade onde tinha negócios confiscou todos os seus bens, e por isto foi morto. Para que o filho não se insubordinasse nem tivesse forças ou capacidade para reagir, soldados do império arrancaram seus olhos. Este costume era comum nos dias da dominação do Império Romano. Uma crueldade que foi revertida pela ação de Jesus ante a intensidade do seu clamor.

Ao curar Bartimeu, Jesus nos proporcionou em privilegiada plataforma de conhecimento. A de que não há impossíveis para Deus. Agindo ele, ninguém pode impedir que sua graça e favor transformem o caos na mais sublime experiência de vitória.